



História de enamorados*

David Avidan**

Oh quanto eu soube morrer por ti e quanto
Eu não soube viver por ti.

E contaram-se a teu respeito, que és bonita, que és de lá,
que me amaste outrora muito, que amas ainda.
Também me disseram alguma vez que teu nome ao que parece é Ruhama.
E aliás combina muito contigo, ou seja, a tua roupa.
Tu sabes, são muitos os boatos que vêm de lá
e na realidade aguardei hoje a tua vinda.
Oh quanto eu soube morrer por ti quanto
eu não soube viver por ti.

E meus dias te sussurraram em silêncio exemplar sussurros sem cessar
de todo vento eventual que tocou no teu peito desnudado.
E com todo toque suspiravas: já é noite.
E te enganavas, naturalmente. Era manhã, mas uma manhã triste.
E repentinamente sentiste um dia que já eras adulta
e o vento foi perambular entre bambus de junco.

E a água era funda no lago. E quando a escuridão
escorregou nela como esquadra de barcos, uma opressão
indistinta na base do peito causou dor. E quando a escuridão
não escorregou sobre ela como esquadra de barcos, o silêncio
pressionou o teu corpo como uma grande naja. Não na escuridão
era a questão. E quando um sol de manhã saltou,

já compreendeste que a noite tinha passado e tinhas ido dali,
mais experiente e preocupada de tudo que jamais foste.
E perguntei-te seriamente como vai Ruhama
e como tens esta ferida na mão
E tu sorriste e disseste ah a ferida é de lá.
Oh se apenas pudesses compreender, mas tu jamais



compreendeste como eu soube morrer por ti e quanto
eu não soube viver por ti.

E teu fim naturalmente é voltar um dia para lá,
e eu te acompanharei por uma certa distância e depois voltarei.
E não é certo se voltarei a minha cabeça atrás de ti. Oh quanto
algum vento ocasional entreterá o meu peito desnudado.
E no decorrer do tempo tentarei adivinhar se já estás lá,
e depois esquecerei novamente cada manhã triste.
E se em momentos de fraqueza me lembrar de ti, Ruhama,
Proteger-te-ão bambus escuros de junco.

E quando uma vez num momento forte de fraqueza eu te desejar
andarei com passos apressados na direção do lago,
virá um vento absolutamente ocasional numa corrida e assobiará em ti
e te despirás, e haverá uma espécie de farfalhar no lago
e encontrarei as tuas roupas apenas. Então talvez rangerá em ti
um amor antigo e sem perspectivas. No lago
ancorará num sussurro um silêncio perdido. E também
se retorcerá ali algum vento ocasional que depois silenciará em ti.

* Este poema foi traduzido para o português por Nancy Rozenchan e publicado, originalmente, em *Poesia sempre*: revista semestral de poesia, da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 5, n. 8, p. 120-121, jun. 1997.

** **David Avidan** foi um escritor, poeta, pintor, diretor de filmes e dramaturgo israelense, nascido em 21 de fevereiro de 1934 e falecido em 11 de maio de 1995. Ele escreveu cerca de 20 livros de poesia hebraica.